

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: A COMÉDIA (PARTE II)
- A COMÉDIA, IMPROVAVELMENTE
15 de Setembro de 2020

FÖR ATT INTE TALA OM ALLA DESSA KVINOR / 1964 (*A Força do Sexo Fraco*)

um filme de Ingmar Bergman

Realização: Ingmar Bergman / **Argumento:** Buntel Ericsson (pseudónimo colectivo de Ingmar Bergman e Erland Josephson) / **Direcção de Fotografia:** Sven Nykvist / **Direcção Artística:** P.A. Lundgren / **Guarda-Roupa:** Mago / **Música:** Erik Nordgren / **Som:** Per-Olof Pettersson e Tage Sjöberg / **Montagem:** Ulla Ryghe / **Interpretação:** Jarl Kulle (Cornelius), Eva Dahlbeck (Adelaide), Bibi Andersson (Humlan), Harriet Andersson (Isolda), Gertrud Fridh (Traviata), Mona Malm (Cecilia), Barbro Hiort af Ornas (Beatrice), Karin Kavli (Sra. Tussaud), George Funkquist, Allan Edwall, Gosta Pruzelius, Jan Olof Strandberg, Goran Graffman, Jan Blandberg, etc.

Produção: Svensk Filmindustri / **Produtor:** Allan Ekelund / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, 35mm, colorida, falada em sueco com legendas em português, 78 minutos / **Estreia Mundial:** 15 de Junho de 1964 / **Estreia em Portugal:** Estúdio, a 15 de Junho de 1973.

A sessão tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo.

A Força do Sexo Fraco (título relativamente enganador quando comparado com o que o original quer dizer: algo como “todas essas mulheres”) é um dos filmes de Bergman habitualmente mais esquecidos e/ou subvalorizados. Mesmo muitos bons bergmanianos tropeçam nele, e quase sempre se põe a questão (ainda que se trate de o “salvar”) da própria existência de um filme assim, se não na obra de Bergman, pelo menos naquele momento específico dessa obra (ou seja, entre **Tystnaden**, de 1963, e **Persona**, de 1965, nem mais). Porventura o mais mal amado de todos os filmes de Bergman, já muito boa gente o descreveu como uma “anomalia”; o próprio Bergman teria por ele manifestado um considerável desprezo, chamando-lhe uma “comédia superficial e artificial” que encontrou um “enorme e merecido fiasco”.

Isto será tudo uma questão de ponto de vista, mas ninguém negará que as “anomalias” (aceitemos **A Força do Sexo Fraco** como uma), pelo menos quando estamos a falar de cinema, são sempre uma coisa interessante e intrigante. É isso que se passa neste filme, obra curiosíssima e, sobretudo, misteriosíssima. O mistério começa na sua tipificação. Toda a gente nos diz, o próprio Bergman no-lo diz, que se trata de uma “comédia”. Talvez fosse preciso dizer, mais exactamente, que se trata de

uma farsa, e portanto não apenas uma "comédia" mas a exploração de um género cómico com fortíssimas raízes teatrais e eventualmente musicais (não estaremos, pelo menos nalguns momentos de **A Força...**, muito longe de uma opereta, ou de uma ópera bufa). Dizendo de outra maneira: um filme onde o decisivo não é a "comédia", mas a "mise en forme" da comédia. Seria nisto que os comentadores de Bergman que insistem em medir o fracasso deste filme pelo facto de ele "não ter piada" talvez devessem pensar com um pouco mais de atenção. Porque, de facto, **A Força do Sexo Fraco** de comédia tem apenas a forma, a estrutura "fárcica" e farsante, como sublinhado absoluto da representação e do artificialismo. E o abismo que aí se desenha, no espaço entre, por um lado, a euforia e movimento constante do que é da ordem da farsa, e por outro a viagem labirintica às memórias (memórias "vivas": a sua casa, e "todas as suas mulheres") de um homem morto é de molde a suscitar vários tipos de perturbação que pouco ou nada têm que ver com o riso. Tem mais a ver com medo, com algum medo pelo menos: a farsa (e se Bergman experimentou registos cómicos em mais do que um momento da sua obra, nunca mergulhou tão fundo na farsa) serve ao cineasta sueco para fazer reflectir sobre o filme um espelho deformador, oferecendo-lhe contornos de celebração grotesca e não pouco "cavernosa". Nesta perspectiva, a "anomalia" constituída por **A Força do Sexo Fraco** é algo de fascinante.

Neste filme de morte e mortos, de viúvas e vampiros, presidido por um morto (o "grande músico" Felix) tão presente quanto ausente, somos desde o primeiro momento convocados para uma câmara mortuária. O plano, altamente estilizado, altamente composto, do velório, e o registo, nos antípodas de qualquer naturalismo, tanto dos criados como das mulheres que vêm velar o morto. Depois surge um flashback que nos leva para "três dias antes", e é toda a história da visita de Cornelius (magnífico Jarl Kulle), o "biógrafo" de Felix. Cornelius é a personagem mais ligeira do filme - em vários sentidos, incluindo o que exprime uma mobilidade que a sua personagem é a única a ter - e o que ele tem de mais parecido com um "bobo", que se oferece ao mais parecido que aqui há com "comédia física" e "slapstick" (as cenas dos "desentendimentos" com o busto, por exemplo). Personagem vácuca, sempre em atraso e em décalage, costuma ver-se nele um "ajuste de contas" de Bergman para com os críticos, sendo que nunca foi pacífica a relação entre Bergman e os críticos suecos. Sê-lo-à, mas seria mero cartoon se fosse apenas isso, e a irrisão vai mais longe e a colorações mais negras - porque ao estereótipo do "crítico" ou do "biógrafo" (aquele que conta a vida, e num certo sentido a fixa) Bergman contrapõe o estereótipo do próprio "grande homem" representado por Félix, que cai perante a morte e cuja vida se dissolve entre o idiota que a vai descrever e todas essas mulheres-guardiãs que de alguma maneira (e figuradamente) passam a ser o seu rosto, na impossibilidade de (e literalmente) recuperarem o seu corpo. Talvez por reflexo cinéfilo, quando no princípio vemos um morto a lançar um flash back pensamos em Billy Wilder e em **Sunset Boulevard**; mas a verdade é que chegamos ao fim e continuamos a pensar em Wilder, mas agora nas flores e nos velórios, nos homens e nas mulheres, nos duplos e nos reflexos de **Fedora. A Força do Sexo Fraco** e **Fedora** davam um óptimo "double bill". Chamem-lhe uma "anomalia".

Luís Miguel Oliveira